PLAYLIST

DELICATE | Taylor Swift

THE VIEW BETWEEN VILLAGES | Noah Kahan

MR. BRIGHTSIDE | The Killers

EVERYWHERE | Fleetwood Mac

THE PROPHECY | Taylor Swift

IN MY LIFE | The Beatles

SWEET | Cigarettes After Sex

SOMEWHERE ONLY WE KNOW | Keane

SINK | Noah Kahan

YOU'RE THE ONLY GOOD THING IN MY LIFE | Cigarettes After Sex

BAD | Wale ft. Rihanna

LOVE YOU LIKE A LOVE SONG | Selena Gomez

MAROON | Taylor Swift

SOMETHING | The Beatles

KNOCKIN' ON HEAVEN'S DOOR | Bob Dylan

SOMEWHERE OVER THE RAINBOW / WHAT A WONDERFUL WORLD | Israel Kamakawiwo'ole

OPEN ARMS | SZA

YOUFORIA | Mac Miller

KISS OF LIFE | Sade

BIRDS OF A FEATHER | Billie Eilish

Para aqueles que amam com todo o coração
e esperam que, um dia, alguém lhes dê o seu também.

NOTA DA AUTORA

Caro leitor,

Bem-vindo de volta à Universidade de Dalton. Temos um último semestre pela frente e, embora seja agridoce entrar nesta etapa final, não poderia estar mais grata por termos chegado até aqui.

Ao escrever a história do Kian e da Scarlett, fiz questão de saborear cada passo do processo e de incluir os pormenores e momentos pelos quais tantos de vós têm esperado desde *Collide: Fora do Gelo*. Conforta-me saber que encontraram um espaço seguro dentro de um mundo sonhado por mim.

Todos conhecemos o Kian como o tipo divertido e caótico, portanto, quando comecei a escrever a sua história, pensei que sabia exatamente como esta iria ser. Mas, por trás de tudo aquilo, existia uma vulnerabilidade e, tal como tantos de nós, ele ansiava por ser visto pela pessoa certa. Esta história continua a ter os mesmos diálogos espirituosos, a mesma química e a mesma paixão a que está habituado, mas também toca em temas que podem ser difíceis para alguns leitores. Encorajo-o a respeitar os seus limites e a ler com cautela.

Este é o último livro da série, mas será sempre um lar ao qual poderá regressar, com as portas bem abertas.

Com todo o meu amor,
Bal

Aviso de Conteúdo:

Morte de um progenitor (cancro, no passado, fora de página)
Luto
Doença de Alzheimer
Encarceramento de um progenitor
Conteúdo sexual explícito
Uso de álcool e drogas

1 | SCARLETT

Vou à prisão.

Não porque tenha feito algo ilegal, mas porque *finalmente* o encontrei.

Passaram precisamente sete anos e trinta e dois dias desde a última vez que vi o Victor Hall, o meu pai biológico. Ainda me lembro da forma como os seus olhos se demoraram em mim enquanto o oficial de justiça o levava, algemado, após o meu testemunho, uma memória que tentei desesperadamente apagar. E então, do nada, recebi a chamada.

Ouço a mensagem de voz pela terceira vez desde que acordei.

«*Bom dia, daqui fala Risa, da MCI-Norfolk. Recebemos o seu pedido para visitar um recluso desta instituição. Devido ao volume elevado de chamadas e visitas, o nosso sistema está atualmente com atrasos. Estamos a analisar o seu pedido e entraremos em contacto assim que a sua visita for agendada. Obrigada pela sua paciência…*»

— Como está a minha Rosie hoje? — A voz apanha-me de surpresa, firme e familiar. Segura.

Enfio rapidamente o telemóvel no bolso do casaco. Um poço escuro a transbordar de culpa forma-se no meu estômago quando o meu pai passa por mim, beijando-me levemente a cabeça. Ele está a usar o seu corta-vento azul-real com TREINADOR escrito nas costas.

O Shane Kilner é o melhor treinador de hóquei que a Universidade de Dalton jamais viu, tendo levado a nossa instituição ao maior número de vitórias nas Frozen Four e na ECAC do país.

Mas mais do que isso, é o meu pai. Bem, padrasto, se estivermos a falar de títulos oficiais.

Há sete anos, a minha mãe suspirou de alívio pela primeira vez, depois de ver o marido — o meu pai biológico — atrás das grades. Passou o ano seguinte a reencontrar-se. O facto de o Shane ter estado sempre lá para ela ajudou bastante. Conheciam-se desde os tempos do secundário e tinham retomado o contacto, e foi no dia do casamento deles, há cinco anos, que ele perguntou se me podia adotar.

Desde então, tem sido o «pai». Eu sempre fui a sua Rosie.

— Viva — murmuro, ainda cansada por ter ficado acordada até tarde a organizar o meu quarto na residência universitária. Até montei uma mini-árvore de Natal, incluindo enfeites e uma estrela no topo.

Partilho um apartamento com a minha melhor amiga e estrela da patinagem artística, a Sierra Romanova. No ano passado, ela lesionou-se durante uma competição e a recuperação foi longa e árdua. Passei o ano letivo fora do *campus*, a ter aulas *online* para poder estar ao lado dela no hospital.

Agora estamos finalmente de volta, e nem os chuveiros comunitários nojentos da Iona House nos podem impedir de fazer com que este ano seja melhor que o anterior.

A porta das traseiras abre com um rangido, e a minha mãe entra após a sua corrida matinal. O pai já está à espera com o café dela preparado, como se soubesse, de alguma forma, o segundo exato em que ela ia entrar pela porta.

Ele não perde um segundo e puxa-a para os seus braços.

— Estou toda suada, Shane! — queixa-se ela.

— Quando é que eu me importei com isso? — murmura-lhe ao ouvido.

O som do risinho dela faz com que se forme um sorriso no meu rosto. A minha mãe nunca foi uma pessoa matinal. Quando eu era mais nova, as nossas manhãs eram silenciosas e tensas, uma correria para nos vestirmos e sairmos porta fora antes que o Victor acordasse e começasse mais uma discussão.

Como tal, embora esteja agora à minha frente, eu não cresci com isto. Cresci com a verdade dura de que as pessoas que dizem que te amam também podem ser as que mais te magoam.

— Entusiasmada com o teu primeiro dia como finalista, *anak*? — A minha mãe dirige-se a mim, beija-me a testa e acaricia as minhas orelhas com os polegares antes de se sentar no banco alto ao meu lado.

A Marielle Dionio-Kilner é uma mãe fixe. Foi a estudante de arte pródiga em todas as escolas que frequentou, desde as Filipinas até à América, captando o interesse de revistas e estúdios de arte desde os doze anos. Depois, aos vinte, conheceu o Victor Hall, o recetor da equipa de futebol americano da universidade de ambos.

Foi nesse ano que as suas vidas deram para o torto. A minha mãe engravidou de mim e o Victor rompeu o tendão de Aquiles a poucos dias do evento de recrutamento da NFL. Tiveram muito azar, mas eu nunca o senti, não até ela não conseguir mais escondê-lo de mim.

A minha mãe dá um gole no café e, como um relógio, empurra o seu *pandesal* meio comido na minha direção. Eu já estou a pegar no prato, antecipando os movimentos dela como sempre fiz.

— Sim. Já comecei as minhas leituras e tenho dois trabalhos grandes para entregar este mês antes de poder dedicar mais horas ao abrigo.

Sou oficialmente uma finalista, o que significa que esta é a minha última oportunidade. Chega de trocar de licenciatura à última hora. Chega de me esconder em quartos de hospital para evitar regressar ao *campus* e enfrentar o caos que provoquei.

A expressão no rosto da minha mãe contorce-se de preocupação.

— Também devias divertir-te, Scarlett.

— A tua mãe tem razão. Vais ter saudades dos teus dias de faculdade — acrescenta o meu pai, bebendo o seu café da caneca que lhe ofereci num Natal passado. Diz MELHOR PAI DE SEMPRE. NÃO É PRECISO ADN.

Quando desço do banco para lavar a minha tigela na banca, estão ambos a observar-me.

— Posso divertir-me depois de terminar o curso. Explorar outro sítio que não o Connecticut. — Mesmo quando as palavras me saem da boca, hesito.

Os meus pais não ficaram particularmente entusiasmados quando lhes disse que queria mudar-me depois da formatura. Para eles, parecia que eu estava a fugir. Para mim, parecia liberdade, como se estivesse finalmente a estabelecer um prazo final para tudo aquilo que me magoa aqui. Talvez tenha sido por isso que me descontrolei um pouco naqueles dois primeiros anos da faculdade, em busca de distrações em todo o lado em que as pudesse encontrar. Não me arrependo, pelo menos não de tudo. Mas Hartford tem demasiados fantasmas. Cada passadeira, cada poste de iluminação, tem uma memória lá gravada. Até uma ida ao hipermercado parece uma caminhada pelos destroços do que costumava ser.

Não é a memória do Victor a ficar frustrado com a minha mãe e a deixar-nos para trás no meio da loja, obrigando-nos a apanhar um táxi para casa. São as boas memórias que mais magoam. Aquela vez em que me sentei no colo dele enquanto me deixava guiar a carrinha no parque de estacionamento vazio. A tarde em que sangrei do nariz e ele passou o resto do dia com a mão fria encostada à minha testa.

Aquela menina, que viu aquela versão do Victor e acredita que ele ainda é capaz de ser aquele homem, é ela que o quer ver de novo.

— Até parece que gostas do primeiro dia de regresso aos treinos, pai. Ouvi-te a queixares-te da equipa ontem à noite. — Lanço-lhe um olhar conhecedor.

— Isso é porque tenho de lidar com um bando de rapazes que só pensaram em mulheres e cerveja o verão todo.

Dirijo-me a ele e dou-lhe uma palmadinha no braço.

— Oh, vá lá, não é assim tão mau. Ainda assim consegues levá-los às Frozen Four.

— Mas agora as minhas estrelas finalistas já se foram, por isso só me restam os caloiros e duas belas peças demasiado grandes e cheios de truques na manga.

Já fui a festas com a maioria dos seus jogadores e nenhum deles sabe que sou a filha do treinador. É um segredo fácil de manter quando ninguém consegue olhar para mim e vê-lo no meu rosto, ou quando me conhecem pelo meu nome do meio em vez de Kilner. Ninguém faz perguntas, e eu nunca ofereci respostas.

Criei o meu próprio mundo na Dalton, e agora estou desesperada por destruí-lo.

A minha mãe esfrega as costas do meu pai.

— Estás a ficar todo irritado.

O treinador Kilner — pois quando está assim é mais o treinador de hóquei da 1.ª Divisão da NCAA e menos o meu pai doce e sensível — respira fundo, uma ação que parece mais dolorosa do que relaxante.

— Estou bem, *mahal*. Só falta mais um semestre — murmura ele, pegando nas chaves que estão na taça em cima do balcão. — Queres boleia para o teu grupo de estudo, Rosie?

A minha mão aperta ainda mais o telemóvel, ansiosa por devolver a chamada da prisão, mas isso vai ter de esperar. Aceno rigidamente com a cabeça ao meu pai, o que o faz observar-me por mais um momento, com aquele escrutínio familiar do treinador Kilner estampado no rosto. Não me faz uma única pergunta, nem sequer quando lhe peço que me deixe no Porter's.

Venho aqui desde os dezasseis anos, quando o meu pai parava cá para celebrar com a equipa. Eu lia na sala do *staff* ou tirava fotografias na cabina fotográfica. Agora tornou-se uma tradição.

No interior do Porter's ouve-se o zunido familiar do letreiro de néon que pisca acima e o murmúrio baixinho do ajudante de bar a repor as garrafas atrás do balcão. O Scott, o dono, acena quando me vê.

— Mais uma memória? — pergunta ele.

— Primeiro dia como finalista — respondo.

Esta cabina fotográfica é a minha caixa de memórias pessoal — primeiro dia do secundário, baile de finalistas, último dia de aulas do secundário, e a lista continua.

Enfio-me no banco estreito e fecho bem a cortina. Depois de inserir algumas moedas, a contagem decrescente de três segundos pisca no ecrã e disparam quatro *flashes*. Esta coisa é velha como o caraças, por isso leva uma eternidade a imprimir as fotografias. Enquanto espero, faço *scroll* pelas minhas redes sociais, e vejo fotos do dia das mudanças das novas irmãs da república. Tenho tantas memórias da casa Beta Phi que quase sinto saudades. Quase.

A fotografia sai do dispensador, e é então que reparo nas horas no meu telemóvel.

— Merda!

Enfio a tira de fotos no meu saco e saio porta fora.

Já estou dez minutos atrasada para o meu grupo de estudo. *Odeio* chegar atrasada. Há tanto que pode correr mal quando algo descarrila, e eu não gosto nada, mesmo nada, de surpresas.

2 | KIAN

Salto do meio dos arbustos antes que ela tenha sequer tempo de sair do carro.

A porta do *Altima* cinzento fecha com força e ela sai de lá com pastas e mais pastas, uma mala de computador portátil e uma caneca de café. Tem o telemóvel preso entre a orelha e o ombro enquanto fala.

Depois do nosso treino de hóquei matinal, eu tinha apenas um objetivo em mente: certificar-me de que as minhas cadeiras continuavam confirmadas. Não se dá de bandeja uma cadeira de cinco créditos a alguém com a minha média. Foi uma sorte ter sido aprovada. Os atletas não são uma prioridade, e esses lugares normalmente estão reservados para potenciais alunos de pós-graduação.

— Professora Lai! — Salto para a frente da minha orientadora antes de pensar bem no que estou a fazer.

A Dorris Lai grita tão alto que me faz tapar os ouvidos.

A caneca de café voa da sua mão, as pastas de arquivo que segurava espalham-se pelo chão molhado e a mala do portátil escorrega-lhe do ombro e cai no cimento.

Encolho-me com o som irreparável que sai da mala.

Ela está com a respiração acelerada, a olhar para as manchas de café nas suas calças cinzentas e camisola de malha felpuda preta.

— Sr. Ishida — pronuncia o meu nome com dentes cerrados. — A que devo este prazer?

Às vezes pergunto-me porque é que ela tem tanta aversão à minha presença, mas depois lembro-me do meu ano de caloiro. Estava coberto de espuma de barbear depois de um desafio da semana de receção ao caloiro e embati contra ela enquanto corria pelo passeio a toda a velocidade.

Coço a parte de trás do pescoço, encontrando finalmente o seu olhar duro.

— Preciso de falar consigo sobre o meu registo académico. — Tento ajudá-la a apanhar as suas coisas.

— *Não*. — Ela respira fundo, bem fundo. — Não toque em nada. — Depois, apanha os seus papéis e atira os que estão cobertos de água da chuva e café para o caixote do lixo mais próximo. Em seguida, sigo-a até ao seu gabinete.

— Eu levo-lhe isso à lavandaria — ofereço. — Ou lavo à mão. Sou ótimo a lavar roupa. Pode perguntar ao treinador.

Ela senta-se à secretária e faz um gesto para que eu me sente.

— Isso não será necessário. Está aqui por causa dos créditos que lhe faltam? Recebi todos os seus *e-mails* frenéticos da semana passada, os *oito*. Ia contactá-lo.

Sento-me em cima da secretária, mas o olhar que ela me lança obriga-me a sentar na cadeira de plástico.

— Mas eu tenho de ter a certeza de que consegui lugar em Estatística Avançada. Recebi um *e-mail* a dizer que mesmo que fosse aprovado durante a seleção das cadeiras, está sujeito a alterações a favor de estudantes prioritários.

Ela soergue uma sobrancelha, teclando no computador.

— Isso é porque se trata de uma cadeira avançada, de nível finalista. Não é uma cadeira de opção. Há uma razão para ser uma cadeira de cinco créditos.

— Precisamente. Juntamente com as minhas opções, é a quantidade exata de que necessito para terminar o curso.

— Sr. Ishida, você não precisa de Estatística Avançada. A sua média já é o valor mínimo necessário para o hóquei, e já tem uma carreira à sua frente. Há muitos atletas que passam pelo meu gabinete a saber que estão aqui apenas até serem convocados.

Estou a tentar perceber por que razão a minha orientadora me está a orientar *contra* a vida académica. Provavelmente, o meu estatuto de superfinalista não ajuda a inspirar confiança.

Mesmo durante o treino desta manhã, o treinador Kilner fez-nos suar até nos desfazermos em papa. Tenho a certeza de que o homem estava à espera de se livrar de nós no semestre passado. Mas tivemos de rodar a liderança, o que significa um novo capitão e atualização das linhas. O Dylan Donovan, o meu melhor amigo, recebeu a maioria dos votos e não ficou nada contente. Ficou ainda mais furioso quando descobriu que votei nele. Era para ser uma piada inofensiva.

O Dylan prefere viver pelas suas próprias regras, sem ter alguém a segui-lo. Agora, olham todos para ele à procura de liderança.

A Dorris fita-me com irritação, mas não é nada a que eu já não esteja habituado.

— Então está a dizer-me que eu deveria deixar a minha licenciatura incompleta, Dorris?

— Tem essa opção, sim.

Pode ter que ver com as três cadeiras a que chumbei no meu segundo ano, ou as cadeiras de opção a que nunca me dei ao trabalho de assistir, mas hoje estava à espera de um pouco de encorajamento por parte da mulher.

— Não posso fazer isso, tenho de passar às cadeiras. — Tenho de *acabar o curso*.

Pensei que estava no caminho certo para o fazer, até termos recebido as notas finais no semestre passado. O plano era eu e o Dylan sermos convocados antecipadamente para a NHL ou acabarmos o curso antes de entrarmos na liga. Mas fomos convocados para Nova Iorque apenas este verão, o que significa que ainda temos até janeiro para terminar o curso. Percebi, de repente, que ia conseguir realizar o sonho de toda a minha vida de jogar hóquei profissional… apenas para perder o do meu pai ao não me licenciar antes de sair da Dalton.

— Ainda pode ir à cerimónia de formatura, se é isso que o preocupa — oferece ela.

Não é isso que me preocupa.

Há quatro anos, recebi a pior chamada da minha vida. O meu pai morreu e tive de apanhar o voo seguinte para o Japão para ir ao funeral. Seis meses antes, ele fora diagnosticado com cancro do pulmão em estágio IV e ninguém me contou.

Todo aquele ano é uma névoa para mim, e prefiro que assim permaneça, pois não me sentia eu mesmo. Os meus amigos notaram, mas para todos os outros eu estava a lidar muito bem com tudo. A lidar muito bem. Que piada.

— Não tem que ver com isso. — Não que haja alguém para testemunhar esse meu sucesso. — Quero terminar o curso.

Ela bufa antes de se virar de novo para o computador.

— Tem a certeza de que se quer inscrever numa cadeira de cinco créditos no seu último semestre? De Psicologia? É arriscar muito.

— Confie em mim, tenho tudo sob controlo. O meu grupo de estudo começa dentro de uma hora, e a rapariga que o lidera é tipo um megagénio. Assim que a convencer a dar-me explicações, estou safo. E cortei nas festas. Cheguei a casa às, tipo, duas da manhã ontem à noite… ou esta manhã… seja como for, estou praticamente a viver como um estudante do quadro de honra.

Ela não fica impressionada.

— Já ouviu falar no Professor Dunn?

Os meus olhos quase me saltam das órbitas. O Professor Dunn devia ter-se reformado, tipo, há dez anos. O homem é o pior pesadelo de todos os estudantes de psicologia. No ano passado, tirou um ano sabático, e todos celebraram. O seu substituto é a razão para eu não estar preocupado com a cadeira. Mas se ele estiver de volta, estou tramado.

— Pela sua expressão facial, presumo que sim. Por isso, pergunto mais uma vez, Kian. Tem a certeza?

Não preciso de pensar mais no assunto. Era o único desejo do meu pai quando me mandou para cá.

— Sim.

Ela suspira.

— Com base no seu histórico académico, eu normalmente desencorajaria esse otimismo súbito ao escolher uma cadeira tão intensiva, mas quem sou eu para o afastar da educação?

Endireito a minha postura.

— Então, posso manter este horário e, ainda assim, cumprir todos os meus requisitos?

— Sim, se…

— Quando.

— … terminar a cadeira com uma média de pelo menos 12 a 13 valores.

Pego no horário das aulas acabado de imprimir.

— Vou deixá-la orgulhosa, Dor.

***

Patrulha dos Coelhinhos

Cole: *Enviou uma imagem* Com camisa ou sem camisa para hoje à noite?

Dylan: Desde quando é que tens *piercings* nos mamilos?

Sebastian: E onde podemos fazer uns?

Aiden: Acho que já fomos atacados por agulhas suficientes nesta casa.

Eli: Concordo.

Kian: Eu não.

Dylan: O teu corpo tem tanta tinta que mal consigo ver a pele.

Kian: Tens andado a olhar para o meu corpinho, Dill?

Dylan: Quem te dera, Ishida.

Estou a rir-me para o meu telemóvel quando este apita com o lembrete para o meu grupo de estudo.

A bibliotecária olha para mim quando passo pelo torniquete, o seu olhar a percorrer os meus braços tatuados.

— Posso ajudar? — pergunta ela num tom seco.

— Espero que sim. — Encosto-me à sua secretária, passando os dedos pelo livro que ela estava a ler. — Mas ia sentir-me mal por te afastar do teu tempo de leitura. Esse é um livro fantástico.

Ela inclina a cabeça para trás.

— Já o leste?

— Duas vezes. O capítulo dezanove é o meu preferido.

O rosto da bibliotecária começa a ficar corado. Alice, leio na placa com o seu nome.

— O que o trouxe à biblioteca, Sr. Ishida?

É claro que ela já sabe quem sou. Nos últimos quatro anos na Dalton, posso contar pelos dedos de uma mão as vezes que estive nesta biblioteca.

— Chama-me Kian. — Atiro-lhe um sorriso. — É o meu primeiro dia no grupo de estudo. Deseja-me sorte, Al.

O grupo está numa mesa afastada, com um cartaz que diz GRUPO DE ESTUDO DE FINALISTAS numa caligrafia arredondada. Há um pequeno coração de papel colado ao canto, e não me escapa o *glitter*. Considero a atenção aos pormenores um bom sinal, pois se há alguém que me pode ajudar a tirar boa nota nesta cadeira, vão ser os marrões que encontram o seu propósito em ajudar os menos academicamente dotados.

Estão todos a olhar fixamente para mim quando me sento, e então um tipo sobressalta-se ao reconhecer-me.

— Ishida? Mas que raio estás aqui a fazer? Pensei que tu e o Donovan tinham sido convocados.

— Começamos em janeiro. Vamos acabar os cursos.

— Meu, se fosse eu, saía daqui ainda antes de a tinta do contrato secar.

Toda a gente fica confusa por ter escolhido ficar e terminar o curso, especialmente tendo em conta o dinheiro que vou receber com o meu contrato da NHL. Mas eles não vão compreender, e eu não me dou ao trabalho de explicar.

Olho em volta — onze rostos. Exatamente o que contei na folha de inscrição. Procuro o alegado génio e identifico-a imediatamente: *post-its*, manual e portátil todos alinhados e já a tirar apontamentos. Bingo.

— Então, vamos começar? — pergunto. Há um tipo ao lado dela, provavelmente o namorado, a julgar pela forma como a observa, mas já estou a planear enfiar a minha cadeira entre os dois quando um pedido de desculpa ofegante flutua até à mesa e uma rapariga tropeça ao meu lado. O seu cabelo vermelho espalha-se pelos ombros, as madeixas soltas iluminadas pela luz do Sol que se infiltra pelas janelas da

biblioteca, como um halo cor-de-rosa. Os olhos castanhos percorrem nervosamente a mesa enquanto pastas e livros lhe escorregam dos braços e aterram com um baque sonoro.

Quando ela ajeita os óculos grossos de armação transparente no nariz, as sobrancelhas franzem com uma leve frustração, como se ela se tivesse esquecido de que os tinha posto. Uma lufada de aroma cítrico e cabelos cor de cereja cobrem a minha visão. É difícil não ficar a olhar enquanto prende o cabelo com uma mola, algumas madeixas soltando-se e emoldurando-lhe o rosto em contornos ondulantes. Juro conseguir ver um lampejo de tinta nas suas mãos antes de ela puxar as mangas da camisola para as cobrir.

— Peço imensa desculpa pelo atraso! Juro que não é um hábito — diz ela.

Onze cabeças assentem.

— Não precisas de pedir desculpa. Já te conhecemos há tempo suficiente para saber que nunca te atrasas — diz uma delas.

Cai-me a ficha e percebo que me enganei sobre o facto de a outra rapariga ser o génio. É ela. *Ela* é a arma académica.

Levanto-me de repente, batendo com o joelho na mesa.

— Olá, eu sou o Kian. Tu deves ser a mulher do momento. — Sorrio, tentando equilibrar o facto de ser muito mais alto do que ela. Ela deve ter um metro e cinquenta e oito ou um metro e sessenta, no máximo.

O olhar dela fixa-se no meu, primeiro com surpresa, depois mudando para algo mais parecido com horror silencioso.

Bem, essa é uma reação que nunca recebi de uma mulher. Entusiasmo, riso, provocação, certamente. Mas horror? Nunca na vida.

— Scarlett — diz ela baixinho, sem me apertar a mão e, em vez disso, virando o rosto para analisar a folha de inscrição.

Inclino-me e bato levemente no fundo da página onde escrevi o meu nome na semana passada.

— Está mesmo aqui.

— Eu… eu não devo ter reparado. Não trouxe cópias suficientes do nosso horário.

Toco levemente com o cotovelo no braço dela.

— Não faz mal. Eu dou uma espreitadela no teu.

Ela entesa-se e arrependo-me imediatamente do toque. Esqueço-me de que nem toda a gente é como eu. Tinha a minha mãe e a minha irmã, o que me fazia sentir como se tivesse duas mães, e o meu pai. Ele era a pessoa mais afetuosa do planeta.

A Scarlett senta-se e eu faço o mesmo. Está perto o suficiente para eu ter cuidado em não tocar com o joelho no dela. O seu doce aroma cítrico enche o ar à sua volta.

Ela distribui os papéis pelo grupo.

— A maioria de vocês já me conhece do nosso grupo de estudo *online* do semestre passado, mas eu sou a Scarlett. Estou no meu último ano, a terminar o curso de Serviço Social, mas fiz várias cadeiras de Biologia e Matemática quando estava em Pré-Medicina.

A Scarlett olha de novo para mim.

— Este grupo tem como objetivo manter-nos na linha e ser um apoio colaborativo enquanto trabalhamos arduamente ao longo do semestre. Não são explicações…

— Não são? — atiro, incrédulo.

— Não — diz ela, sem olhar para mim. — Se algum de vocês precisar de um explicador, pode dirigir-se ao centro de apoio ao estudante. Seja como for, vamos reunir-nos aqui todas as quintas para rever os vossos trabalhos.

— Mas a folha de inscrição dizia que isto era para finalistas com uma carga letiva intensa. Pensei que seria mais do que uma vez por semana — digo.

Ela vira-se para mim.

— É uma vez por semana em regime presencial. Temos sessões assíncronas ao longo da semana.

— Vais estar presente?

A Scarlet entesa-se.

— Na maior parte, sim. Mas vamos trabalhar juntos como um grupo colaborativo e ajudar quem estiver a ter dificuldades com a matéria.

— A sério que não dás explicações?

— Costumava dar, mas já não dou.

Isto não pode estar a acontecer.

— Porque não? Não és, tipo, a melhor?

Esperava que ela corasse, que talvez ficasse tão encantada comigo que concordasse. Mas esta rapariga não cede.

— Não tenho tempo — diz ela.

— Posso pagar — ofereço.

Ela pestaneja várias vezes, claramente apanhada desprevenida. Ou talvez a considerar a hipótese…

— O teu dinheiro do hóquei não vai, por magia, conseguir tempo no meu horário. — Mal as palavras lhe saem da boca, ela tapa-a com a palma da mão, com o rosto quase tão vermelho quanto o cabelo. Muito bem, então *não* estava a considerar a hipótese. — Desculpa… aquilo saiu-me mal. Não preciso do teu dinheiro. Já não dou explicações.

Dinheiro do hóquei? Não estava à espera de que esta rapariga soubesse muito sobre hóquei — caraças, nem sequer pensei que ela me tivesse reconhecido.

— És fã de hóquei? Posso arranjar-te lugares perto do rinque. Talvez um pequeno encontro exclusivo com os jogadores…

Ela olha para mim como se eu lhe tivesse dado uma bofetada, e o rubor que eu ansiava anteriormente apenas lhe cobre o rosto com uma cor mais profunda de… embaraço? Estou a estragar tudo.

— Não preciso de subornos. Não estou disponível.

Controla-te, idiota.

— Eu não estava… Merda, desculpa. É que preciso mesmo de me sair bem.

A expressão no rosto dela suaviza.

— Queres que te arranje um explicador, Kian? Pois não sei se este grupo é o certo para ti.

É tão bem-educada que mal registo a rejeição. É o primeiro dia e já consegui ser expulso do grupo de estudo. É um novo recorde para mim.

— Não, não. Isto é ótimo. Uma vez por semana é perfeito. — Não menciono que estou banido do centro de apoio ao estudante desde o primeiro ano.

Corres pelo *campus* todo nu *uma* vez e as pessoas tratam-te como um criminoso. Embora não tenha ajudado o facto de eu ter convidado os explicadores para a nossa festa e eles terem ficado tão bêbedos que todas as sessões de explicações do dia seguinte tiveram de ser canceladas.

A Scarlett revê as datas dos exames e das férias.

— E temos um *chat* de grupo, por isso…

— Eu não estou nesse *chat*.

Ela franze as sobrancelhas ao ouvir a acusação na minha voz.

— Adiciono-te mais tarde.

— Porque não agora? — Aponto para o telemóvel dela em cima da mesa. Não sou grande fã de *chats* de grupo, principalmente daqueles que os rapazes criam sem mim.

Ela suspira, passando-me o telemóvel para eu inserir o meu número, e o meu telemóvel apita. Os meus ombros relaxam.

— Hoje vamos estudar durante algumas horas e, se alguém tiver dúvidas, basta perguntar.

— Quantas horas, exatamente? Prometi a um amigo que me encontraria com ele mais tarde…

Ela lança-me um olhar fulminante. Quase. Nem sequer acho que ela conseguiria olhar furiosamente para alguém com aqueles olhos castanhos meigos.

— Estou a brincar! Estou ótimo. Isto é ótimo. — Viro-me, enviando uma mensagem ao Dylan.

Ele e eu prometemos um ao outro que não íamos a mais festas. Mas depois recebi a mensagem da república Beta Phi, e ele estava chateado com aquela coisa toda de ser capitão, por isso fazia todo o sentido irmos.

Que mal haveria em ir a uma festa?